

Pensar fora da caixa: cultura estratégica e inovação militar

JOÃO MARCOS MACEDO LOURO

ADAMSKY, Dima. *The culture of military innovation: the impact of cultural factors on the Revolution on Military Affairs in Russia, the United States and Israel*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

Inovações militares ocorrem quando as organizações transformam sua estrutura e seus métodos operacionais, aumentando sua eficiência e, assim, alteram o modo como empregam suas forças em operações militares. Embora a tecnologia seja peça importante, é o seu processo de assimilação que influencia no resultado da inovação militar.

Perceber os efeitos da nova tecnologia – a formação de

uma “nova teoria da vitória”¹ – é essencial para a sobrevivência das organizações militares. No entanto, cada uma delas reage de maneira diferente ao se apropriar dessa nova tecnologia em virtude da forma com que seus membros a entendem e conceituam.

Essa conceituação da tecnologia pelos militares pode variar conforme as diferentes culturas estratégicas dos seus países. O livro *The culture of military innovation* procura explicar essa variação por meio da análise dos estilos cognitivos desses países, demonstrando como esses fatores podem afetar a

JOÃO MARCOS MACEDO LOURO

Mestre em Estudos
Estratégicos pela
Universidade Federal
Fluminense.

1 Do inglês *new theory of victory*, termo cunhado por Stephen Peter Rosen para definir a busca das organizações militares por inovações que lhes deem vantagem operacional. In: ROSEN, Stephen P. *Winning the next war: innovation and the modern military*. Ithaca, NY. Cornell UP, 1994. p. 20.

aproximação dos militares a novos conceitos.

O autor, Dima Adamsky, é pesquisador com pós-doutorado em Harvard e passagens pelo Institute of War and Peace da Universidade de Columbia e do Institute of Defense Studies da Noruega, além de contribuir com análises para o Ministério da Defesa de Israel. Atualmente leciona em Israel, na Universidade IDC Herzliya.

Nesse livro, ele usa como teste para suas ideias o processo de formação conceitual do que foi denominado como Revolução nos Assuntos Militares (RAM)² em três países pioneiros nessa inovação: a ex-União Soviética, os Estados Unidos e Israel. Identificando-se com o modelo construtivista de pesquisa em inovações militares, que enfatiza a cultura – conjunto de normas e valores de um grupo que define suas percepções e ações – como variável independente, Adamsky defende que tal perspectiva

teórica, centrada no estudo da cultura, é melhor para entender as decisões estratégicas dos Estados do que a visão neorreacionista, baseada na racionalidade do ator estatal.

Adamsky distingue os estilos cognitivos em dois: pensamento holístico-dialético e pensamento lógico-analítico. Ele aplica essa distinção para definir como elas influenciam a formação de ideias. O estilo cognitivo holístico-dialético teria como características a tendência em ver o contexto em sua totalidade, confiando em experimentações e no processo intuitivo para formular suas ideias. Por seu turno, o estilo lógico-analítico fixa suas atenções em apenas um objeto por vez, separando-o do seu contexto para estudá-lo detalhadamente, usando lógica formal para explicar e entender seu comportamento.

Com o mesmo intuito, ele divide os modelos sociológicos também em dois: sociedades coletivistas e sociedades individualistas. Uma sociedade coletivista estaria mais voltada a construir conhecimento de modo interdependente, em rede e de maneira hierarquizada, dividindo ganhos e prejuízos no processo intelectual.

2 Em seu trabalho, Dima Adamsky se abstém da discussão a respeito do conceito da RAM. Ele apenas dá continuidade ao discurso das organizações utilizadas para sua pesquisa, as quais utilizam o conceito. Por esse mesmo motivo, a resenha também não discutiu o conceito.

Essas sociedades seriam mais voltadas ao estilo cognitivo holístico-dialético. Já sociedades individualistas, enfatizando a ação dos indivíduos em torno de resultados e sucessos individuais, seriam propensas ao estilo cognitivo lógico-analítico. No entanto, segundo o autor confirma, em ambas as sociedades pode haver exceções.

Como sociedade coletivista e holístico-dialética, a ex-URSS capacitava melhor seus pensadores militares, via Estado-Maior Geral, a imaginar os campos de batalha do futuro, prevendo os riscos que suas forças correriam e formulando novos métodos operacionais. Processado pelo topo da hierarquia da organização, os conceitos rapidamente podiam ser entendidos pelos membros abaixo da hierarquia, sendo por eles testados e assimilados. Segundo Adamsky, os militares soviéticos conseguiram formular, de maneira teórica, a Revolução Técnico-Militar (RTM) graças à cultura russo-soviética, que facilitava a busca por novos conceitos e paradigmas.

Os EUA, sendo sociedade individualista e lógico-analítica, desenvolveram as tecnologias militares de precisão e

informação de modo a ganhar qualitativamente a corrida armamentista da Guerra Fria. Vindo de uma cultura mais prática, propensa a pensar o presente e o futuro imediato, as organizações militares estadunidenses se voltam para o campo tático, sem observar o operacional como um todo ao realizar mudanças. A conceitualização da RAM se tornou possível com a intromissão de um órgão do Departamento de Defesa dos EUA (mas fora das organizações militares), o Office of Net Assessment, que estudou as proposições da RTM soviética, assimilou seus conceitos e as adaptou para as Forças Armadas dos EUA.

Israel, por sua vez, foi o primeiro país a conduzir uma guerra no novo método, em 1982, contra a Síria, utilizando tecnologia adquirida nos EUA. Apesar de bem-sucedido, o uso operacional da tecnologia não causou imediata transformação nas forças militares israelenses em face do descaso da sua oficialidade em relação ao estudo teórico militar.

De acordo com Adamsky, a situação de Israel – cercado por inimigos e formado por grupos isolados uns dos outros (kibutz)

– engendrou uma cultura que enfatiza a improvisação e o pensamento rápido, com vistas à sobrevivência nesse ambiente hostil. A facilidade da adaptação não promove, no entanto, a formação de um pensamento militar a respeito do emprego da tecnologia, pelo fato dessa “cultura de improvisar” dificultar o pensamento estratégico no campo teórico, enfatizando mais o espírito prático dos seus oficiais. Não há tradição teórica entre os oficiais israelenses.

Embora seu Estado-Maior tentasse, brevemente, criar concepções teóricas para a transformação, as disputas internas entre seus membros (entre práticos e teóricos) acabaram por minar a conclusão desse processo. A capacidade de improvisação dos militares israelenses permitiu o uso com sucesso da tecnologia, mas limitou sua capacidade aos seus aspectos técnico-táticos, não empreendendo a RAM em sua plenitude.

Como evidenciado, a novidade na abordagem a respeito das transformações nas organizações militares – utilizando psicologia cultural e sociologia para explicar a inovação militar – abre novo campo para pesquisas na temática da

cultura estratégica, no estudo da formação educacional e seus impactos na formação intelectual dos oficiais militares e formuladores civis da Estratégia Nacional. Contudo, como em toda nova perspectiva de pesquisa, surgem questões não abordadas no trabalho de Adamsky.

Por exemplo: a capacidade de imaginar, raciocinar, prever e adaptar pode não estar ligada apenas ao modelo cognitivo de uma sociedade nacional, mas sim a um grupo social menor (ou até mesmo a apenas um indivíduo), influenciado por seus membros estruturados em cadeia hierárquica. Não há como dissociar, por exemplo, a formulação da MTR na União Soviética do marechal Ogarkov, então chefe do Estado-Maior das Forças Armadas soviéticas; ou a RAM estadunidense de Andrew Marshall, que chefiava o Office of Net Assessment.

O trabalho de indivíduos associados ao Office of Net Assessment, que compôs a versão estadunidense da RAM, inovou mesmo tendo pensamento lógico-analítico. No caso israelense, percebe-se o peso da vontade de alguns militares no comando da organização

para tentar impor a nova teoria. Os modelos de Adamsky não veem as organizações militares como uma espécie de grupo social destacado em suas sociedades, mas apenas como extensão delas; algo difícil de imaginar para quem estuda as organizações militares e conhece suas estruturas e tradições próprias.

Indiretamente, os exemplos dados por Adamsky acabam demonstrando a necessidade de as organizações militares possuírem, e incentivarem, um grupo que pense “fora da caixa”, ou seja, fora da cultura estratégica preponderante, e que seja assim mais propenso a antever mudanças e encontrar uma “nova teoria da vitória”. Nos casos do autor, em especial no exemplo estadunidense, a presença desse grupo destacado permitiu formular questões e conceituar suas ideias de modo diferente das organizações militares. Torna-se útil, então, analisar como se forma a cultura dos membros desses grupos.

Ao se olhar por esse ponto, entretanto, dá-se crédito ao trabalho de Adamsky em perceber que os modelos cognitivos são mais úteis para entender a aceitação dos membros da

organização a uma nova concepção de emprego do que em entender a capacidade dos seus membros em formulá-la. Não basta conceber a “nova teoria da vitória”; ela tem de ser plenamente entendida e assimilada por seus membros. Mas os exemplos dados acabaram por favorecer inovações vindas de cima, ou seja, formuladas e/ou aplicadas pelo topo da hierarquia organizacional, como no caso dos EUA. Então, se houver um processo de inovação vindo de baixo da hierarquia, o resultado seria próximo ao resultado israelense?

Por último, uma questão relacionada à diversidade cultural. Esse modelo, se aplicado ao Brasil, seria capaz de produzir resultados satisfatórios? Estabelecer com precisão o tipo de cultura estratégica de um país pode não ser tarefa simples, em especial em um país que se apregoa possuir uma vasta diversidade cultural. Ainda se for esse o caso, essa cultura seria a mesma dentro da organização militar?

Para os interessados nos estudos da área de Defesa, sobretudo na cultura estratégica e de inovação militar, *The culture of military innovation* é útil

e importante leitura, agregando conhecimento para pensarmos o quanto a tecnologia e seu uso – mesmo o militar – podem estar ligados à formação educacional e cultural da sociedade.